

Participação feminina no mercado de trabalho nordestino: evolução e determinantes**Women's participation in the northeastern labor market: evolution and determinants**

DOI:10.34117/bjdv5n8-035

Recebimento dos originais: 12/07/2019

Aceitação para publicação: 19/08/2019

Juliane da Silva Ciríaco

Doutoranda em Economia pela Universidade Federal do Ceará (CAEN)

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2762 - Prédio CAEN – Benfica, Fortaleza-CE, Brasil

E-mail: julianeciriac@hotmail.com

Patrícia Eugênia Monte de Sousa

Graduanda em Direito

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Endereço: R. da Consolação, 930 - Consolação, São Paulo –SP, Brasil

E-mail: patigenia@yahoo.com.br

Julyan Gleyvison Machado Gouveia Lins

Doutor em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Endereço: Av. Prof. Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, Recife – PE, Brasil

E-mail: julyanlink@hotmail.com

Cinthia Barbosa Sousa

Doutoranda em Economia pela Universidade Federal do Ceará (CAEN)

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2762 - Prédio CAEN – Benfica, Fortaleza-CE, Brasil

E-mail: cinthiabsousa@hotmail.com

Celina Santos de Oliveira

Doutora em Economia pelo CAEN/UFC e Professora da UFC/Sobral

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Coronel Estanislau Frota, 563-Bloco I-Centro, Sobral-CE, Brasil

E-mail: oli.celina@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a evolução da participação feminina no mercado de trabalho no nordeste através do modelo logit. Utilizando como fonte de dados a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2002 e 2012. Os resultados encontrados indicam que ter a posição de chefe na família e maior nível de escolaridade tendem a ser um dos principais motivos para a inserção produtiva. Ademais ressalta-se, ainda, que o fato de ter dependentes no núcleo familiar, como bebê, crianças e idosos, tendem a reduzir

as chances de participação no mercado de trabalho, acredita-se que isso ocorre devido ao fato de que, apesar dos avanços econômicos e sociais existentes, ainda existem hierarquias sociais baseadas nas relações de gênero, onde alguns papéis como afazeres domésticos e cuidados dos irmãos e dos avós ainda são atribuídos às mulheres.

Palavras chave: Mulher, Nordeste, logit.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the evolution of female participation in the Northeast job market through the logit model. Using as data source the National Household Sample Survey (PNAD), 2002 and 2012. The results found indicate that having the position of head in the family and higher level of education tend to be one of the main reasons for productive insertion. Moreover, it is noteworthy that the fact that having dependents in the family nucleus, such as baby, children and the elderly, tend to reduce the chances of participation in the labor market, it is believed that this occurs due to the fact that, despite the As economic and social advances exist, there are still social hierarchies based on gender relations, where some roles such as household chores and the care of siblings and grandparents are still assigned to women.

Keywords: Women, Northeast, logit.

1. INTRODUÇÃO

No século XX ocorreram intensas transformações econômicas no Brasil e no mundo afora, principalmente no mercado de trabalho, onde o espaço ocupado por mulheres se tornou cada vez mais comum. O marco dessas mudanças foi iniciado na I e II Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945), momento em que os homens iam para as frentes de batalhas, enquanto as esposas assumiram o papel de seus maridos no mundo do trabalho (MUNIZ et al., 2015).

No Brasil o ingresso das mulheres no mercado de trabalho ocorreu de forma mais intensa a partir da década de 40, devido à expansão econômica, urbanização, e à industrialização, dirimindo aos poucos as convenções que ditavam que o marido era o provedor do lar.

Desde a década de 70 houve uma crescente participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro, como consequência, durante o período 1981-2002, observou-se um aumento na participação dos rendimentos do trabalho da mulher na renda domiciliar per capita (MELO; MONTE, 2014). O perfil das mulheres que se inseriam nesta janela de tempo era bastante homogêneo: pobres, de baixo nível educacional e, conseqüentemente, baixa profissionalização, o que acentuava ainda mais a forte discriminação preexistente (MONTE; GONÇALVES, 2008).

Atualmente, a taxa de participação feminina no mercado de trabalho é elevada, inserindo-se nos mais diversos setores da economia e atingindo cargos do mais alto escalão. Todavia, é de suma importância evidenciar que a participação do sexo feminino no mercado de trabalho, desde o início até hoje, é conduzida, em conjunto, por um elevado grau de discriminação (MUNIZ et al., 2015).

A taxa de atividade da mulher no Brasil teve um aumento significativo nas últimas décadas. Segundo Barbosa (2014) a taxa de participação das mulheres, entre 15 e 59 anos de idade, aumentou de 52,5% (em 1992), para 61% (em 2012). Já a taxa de participação do homem, mesmo que bem mais alta do que a das mulheres, sofreu uma redução ao longo de todo o período; em 1992, a participação dos homens, entre 15 e 59 anos, foi de 89%, essa mesma taxa atingiu 83% em 2012.

Diante deste ensejo, busca-se analisar o dinamismo da taxa de participação feminina no trabalho, representada pela sigla TPFT, e levando em conta o caráter pouco explorado dessa dinâmica no Nordeste brasileiro, propôs-se a análise de quais os fatores que influenciam na empregabilidade dessas mulheres. Para este fim, foi aplicado o modelo *logit*, tendo como fonte de dados a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) para os anos de 2002 e 2012.

A escolha temporal desse período deve-se ao fato de que a janela de tempo usada, de 10 anos, fornecerá suprimentos de suma importância para se alcançar uma análise mais rica, possibilitando uma visão mais ampla das transformações econômicas e institucionais no momento anterior à crise econômica brasileira de 2013, com vista a subsidiar o norteamento de políticas públicas que reflitam sobre a temática. Ademais, no que diz respeito a delimitação territorial, escolheu-se o Nordeste devido às peculiaridades locais existentes em relação ao restante do país, devido à baixa elasticidade emprego-produto, maior vulnerabilidade às variações climáticas, menores níveis de educação, rendimento e qualificação, e grandes áreas pouco integradas à economia nacional, como exposto por Lima (2008).

Este artigo está organizado em quatro capítulos, além da introdução. No segundo capítulo, é feita uma breve contextualização de algumas pesquisas que abordam a questão da mulher e Mercado de Trabalho. O terceiro capítulo aborda a metodologia, bem como a apresentação e a análise descritiva dos dados. As discussões dos resultados são realizadas no quarto capítulo. E, por fim, são evidenciadas as conclusões finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Durante anos o entrave associado a participação do trabalho feminino estaria relacionado a maternidade e a ideia de que o cuidado com o lar e com os filhos era obrigação exclusivamente da mulher. Porém, quando a necessidade econômica se tornava um fator de risco (como acontece nas famílias mais pobres ou nas chefiadas por mulheres), era comum que as mães deixassem os filhos menores sob os cuidados dos filhos maiores, ou de parentes ou vizinhos (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002).

No Brasil, a inserção da mulher na esfera do trabalho começou a se intensificar na década de 70, em um momento de expansão econômica, no auge de um processo de urbanização e industrialização caracterizando um período favorável à inclusão de novos trabalhadores no mercado de trabalho (LEONE, 2017). Para Leone (2018) o crescimento econômico brasileiro foi muito importante neste processo, pois permitiu às mulheres dar continuidade ao processo de consolidação de sua inserção na atividade econômica, aperfeiçoando o perfil qualitativo de sua absorção, ao minimizar a taxa de desemprego e o peso do trabalho não remunerado e do serviço doméstico remunerado na ocupação feminina.

Uma vasta literatura tem surgido com o intuito de explicar o comportamento da população feminina no país, no que diz respeito a identificar características individuais, familiares e geográficas que podem influenciar na escolha ocupacional da mesma.

Scorzafave e Menezes-Filho (2001) analisaram a evolução da participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro entre 1982 e 1997. Os resultados apontam para um elevado aumento nas taxas de participação feminina, principalmente para as mulheres com até 11 anos de estudo. Os fundamentais determinantes desse aumento foram a redução da proporção de mulheres pouco educadas na força de trabalho e o aumento na participação das mulheres cônjuges e mais “velhas”.

Cirino e Lima (2011) avaliaram as chances de uma mulher encontrar-se economicamente ativa. Os principais fatores que apresentaram o maior impacto na participação feminina foram: escolaridade, renda domiciliar per capita líquida, idade, posição no domicílio, presença de filhos pequenos e localização regional. Os autores buscando uma comparação entre os gêneros realizaram estimações de participação para os homens. Dentre as principais diferenças encontradas, apesar do impacto do fator

educacional ter sido o mais preponderante dentre os fatores analisados para ambos os sexos, ele se mostrou mais marcante entre o segmento feminino.

Para Cruz, Baço e Paz (2013), um dos principais fatores da participação feminina no mundo do trabalho está associado ao nível de escolaridade, concluindo que quanto maior o nível de educação maior a probabilidade de sua inserção em atividades laborais. Observando os resultados de sua estimativa realizada por meio do modelo econométrico de ordem qualitativa (*probit*), os autores constataram que as mulheres que possuem ensino fundamental, nível médio e superior tem maiores probabilidade de participar da força de trabalho em comparação as analfabetas.

Lima *et al.* (2017) estudou a inserção feminina no mercado de trabalho e buscou identificar os determinantes da empregabilidade formal das mulheres, de acordo com cada região brasileira, fazendo uso do modelo econométrico *logit*. Segundo os resultados, pôde-se destacar que o perfil das mulheres no mercado de trabalho são: formadas pela faixa de idade entre 25 até 35 anos, moradoras das regiões norte, sul e sudeste; com nível de escolaridade de 9 a 12 anos de estudo e recebendo entre 5 a 8 salários mínimos.

Mattei e Baço (2017) buscaram analisar as diferenças salariais existentes no mercado de trabalho em Santa Catarina nos períodos 2000, 2007 e 2014 com base nas teorias que buscam explicar as desigualdades salariais do setor formal, analisados por meio de equações Mincerianas de salários e utilizado o método de decomposição de rendimentos de Oaxaca-Blinder. Entre os resultados, os autores revelaram que as diferenças salariais, em termos percentuais, entre homens e mulheres, diminuíram no respectivo período analisado; bem como a discriminação salarial contra as mulheres também diminuiu, sendo, portanto, o principal componente a explicar as diferenças salariais entre homens e mulheres.

3. METODOLOGIA

Nesta seção é apresentada a metodologia para a execução da investigação proposta. A fonte de dados utilizada, como já mencionada anteriormente, advém da PNAD, correspondente ao ano de 2002 e 2012. Utiliza-se um modelo *logit*, já que a TPFT (sigla correspondente a taxa de participação feminina no trabalho) é uma variável dependente binária, onde se atribui o valor de “um” para as mulheres que participam do mercado de trabalho e “zero” caso contrário. Logo, a variável dependente é descrita como:

$$TPFT_{ij} = \begin{cases} 1, & \text{Mulher que Trabalha} \\ 0, & \text{Mulher que não Trabalha} \end{cases}$$

Como explicativas foram incluídas, nas estimações variáveis que se supõem serem fundamentais para explicar a participação feminina no mercado de trabalho, descritas a seguir:

- Anos de estudo: corresponde à série, ao nível ou ao grau. A equivalência é feita de forma que cada série concluída com aprovação é considerada como 1 ano de estudo;
- Idade: aferida em anos de vida;
- Idade²: idade ao quadrado;
- Chefe: 1 para indivíduo responsável pelo lar e 0 caso contrário;
- Branca: 1 para indivíduo de raça branca e 0 caso contrário;
- Bebê: número de indivíduos de até 2 anos de idade no lar;
- Crianças: número de indivíduos de 3 a 11 anos no lar;
- Adolescentes: número de indivíduos entre 12 e 16 anos no lar;
- Idosos: número de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos no lar;
- Metro: 1 para indivíduo que reside na área metropolitana e 0 caso contrário;
- Piauí: 1 para residentes do Piauí e 0 caso contrário¹;
- Ceará: 1 para residentes do Ceará e 0 caso contrário;
- Rio G. Norte: 1 para residentes do Rio Grande do Norte e 0 caso contrário;
- Paraíba: 1 para residentes da Paraíba e 0 caso contrário;
- Pernambuco: 1 para residentes do Pernambuco e 0 caso contrário;

¹ O estado do Maranhão excluído da análise (variável omitida) para evitar colinearidade perfeita.

- Alagoas: 1 para residentes do Alagoas e 0 caso contrário;
- Sergipe: 1 para residentes do Sergipe e 0 caso contrário;
- Bahia: 1 para residentes do Bahia e 0 caso contrário;

Por seguinte a definição das variáveis utilizadas nas estimações, prossegue-se com o passo seguinte que é a realização do tratamento do banco de dados. Após as devidas filtrações e exclusão das observações faltantes, restaram aproximadamente um total de 51.852 mil observações em 2002 e 46.855 mil observações em 2012, respectivamente.

Para melhor compreensão das variáveis aqui utilizadas, antes da exposição dos resultados econométricos, contempla-se na Tabela 1 as estatísticas descritivas das variáveis utilizadas na amostra. Nota-se que, inicialmente, em 2002, 39,3% das mulheres trabalhavam e que a idade média é de 34 anos (com mínima de 10 anos de idade e máxima de 113 anos), sendo que por volta de 32% são de raça branca, com média de aproximadamente 5,6 anos de estudo, com 21% dos lares compostos por mulheres chefes de família, residentes em lares compostos por aproximadamente 1 criança em média, com o menor número de idoso (0,33), adolescentes (0,59) e bebê (0,16). No referente a localização, 39% estão localizados em sua maioria na região metropolitana.

Para o ano de 2012, a amostra possui características similares ao primeiro ano anteriormente analisada: média de 37 anos de idade (mínima de 10 anos e máxima de 109 anos) e com 7,1 anos de estudo, com 28,8% de cor branca, compostos por lares com menor número de idoso (0,39), adolescentes (0,44), crianças (0,51) e bebê, (0,12) em casa. Nos lares 29% das mulheres apresentam status de chefes, sendo que pouco mais de 37% são residentes na região metropolitana.

Com respeito as *dummies* estaduais, percebe-se que independente do ano a maioria das mulheres da amostra estão localizadas na Bahia, em Pernambuco e no Ceará.

Tabela 1-Nordeste: Descrição do Banco de dados

	2002				2012			
	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
TPFT	0,393	0,488	0	1	0,391	0,488	0	1
Idade	34,46	18,5	10	113	37,8	19,12	10	109
Idade ²	1530	1587	100	12769	1794	1700	100	11881
Chefe	0,211	0,408	0	1	0,298	0,458	0	1
Bebê	0,168	0,424	0	3	0,124	0,355	0	4
Criança	0,717	1,010	0	8	0,510	0,803	0	7
Adolescente	0,590	0,838	0	6	0,446	0,722	0	5
Branca	0,317	0,465	0	1	0,288	0,453	0	1
Anos de Estudo	5,618	4,267	0	15	7,110	4,508	0	15
Idoso	0,336	0,631	0	5	0,396	0,678	0	5
Piauí	0,045	0,207	0	1	0,053	0,224	0	1
Ceará	0,193	0,395	0	1	0,176	0,381	0	1
Rio G. Norte	0,047	0,212	0	1	0,050	0,219	0	1
Paraíba	0,064	0,244	0	1	0,061	0,239	0	1
Pernambuco	0,205	0,404	0	1	0,215	0,411	0	1
Alagoas	0,050	0,218	0	1	0,051	0,219	0	1
Sergipe	0,047	0,212	0	1	0,060	0,237	0	1
Bahia	0,294	0,456	0	1	0,256	0,436	0	1
Metro	0,390	0,488	0	1	0,377	0,485	0	1

Fonte: Elaboração própria. Nota: Para as variáveis *dummies* a média equivale a proporção.

Após análise descritiva dos dados, ressalta-se a definição do modelo econométrico usado. Como visto anteriormente, a variável de interesse nesta pesquisa é dicotômica, assumindo valor 1 para as mulheres que afirmaram trabalhar no período da semana de referência da pesquisa da PNAD, e valor 0 caso contrário. Assim, para analisar os determinantes da TPFT (taxa de participação feminina no trabalho) no nordeste brasileiro, optou-se por utilizar o modelo de regressão *logit*.

O modelo *logit* baseia-se na função de probabilidade logística acumulada, dada pela seguinte especificação:

$$P_i = F(Y_i) = F(\alpha + \beta X_i) = \frac{1}{1 + e^{-(\alpha + \beta X_i)}} \quad (1)$$

Em que: P_i é a probabilidade da mulher i trabalhar; X_i é o vetor de variáveis explicativas para a mulher i ; β_j é o parâmetro associado à variável X_j ; e Y_i é um índice contínuo teórico determinado pelas variáveis explicativas, o qual pode ser expresso como $Y_i = \alpha + \beta X_i$.

As variáveis explicativas contidas em X denotam o conjunto de atributos relativo às características do indivíduo, do domicílio, e características geográficas.

Após esta breve descrição do banco de dados empregado nesta pesquisa e definição do modelo econométrico usado, prossegue-se para o passo seguinte que é a análise dos efeitos marginais do modelo econométrico dos determinantes da participação da mulher no mercado de trabalho, os quais serão analisados na próxima secção.

Após análise descritiva dos dados, ressalta-se a definição do modelo econométrico usado. Como visto anteriormente, a variável de interesse nesta pesquisa é dicotômica, assumindo valor 1 para as mulheres que afirmaram trabalhar no período da semana de referência da pesquisa da PNAD, e valor 0 caso contrário. Assim, para analisar os determinantes da TPFT (taxa de participação feminina no trabalho) no nordeste brasileiro, optou-se por utilizar o modelo de regressão *logit*.

O modelo *logit* baseia-se na função de probabilidade logística acumulada, dada pela seguinte especificação:

$$P_i = F(Y_i) = F(\alpha + \beta X_i) = \frac{1}{1 + e^{-(\alpha + \beta X_i)}} \quad (1)$$

Em que: P_i é a probabilidade da mulher i trabalhar; X_i é o vetor de variáveis explicativas para a mulher i ; β_j é o parâmetro associado à variável X_j ; e Y_i é um índice contínuo teórico determinado pelas variáveis explicativas, o qual pode ser expresso como $Y_i = \alpha + \beta X_i$.

As variáveis explicativas contidas em X denotam o conjunto de atributos relativo às características do indivíduo, do domicílio, e características geográficas.

Após esta breve descrição do banco de dados empregado nesta pesquisa e definição do modelo econométrico usado, prossegue-se para o passo seguinte que é a análise dos efeitos marginais do modelo econométrico dos determinantes da participação da mulher no mercado de trabalho, os quais serão analisados na próxima secção.

4. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Antes de expor os resultados das estimações, foi realizada a análise estatística do grau de ajuste dos modelos estimados para o ano de 2002 e 2012, na qual foi examinada a interpretação do pseudo- R^2 de McFadden (valor do log da verossimilhança ajustada e no valor

do log verossimilhança da regressão apenas com intercepto) e do pseudo- R^2 de McKelvey e Zavoina (relaciona a variabilidade da previsão da variável latente com a variabilidade total), onde ambos fornecem uma métrica da qualidade de ajuste do modelo (ver Tabela 2).

De forma geral, o valor pseudo- R^2 de McFadden e Pseudo- R^2 de McKelvey e Zavoina sugerem melhor grau de ajuste para o ano de 2012 com 19,7% e 41,5 %, respectivamente. Destaca-se, ainda, que, em 2002 e 2012, o modelo prevê, respectivamente, 68,83% e 71,35% das observações de maneira correta; indicando que o número de casos classificados de forma correta supera as ocorrências classificadas de maneira errônea, bem como confirmam a qualidade do ajustamento para os dois pontos no tempo analisados.

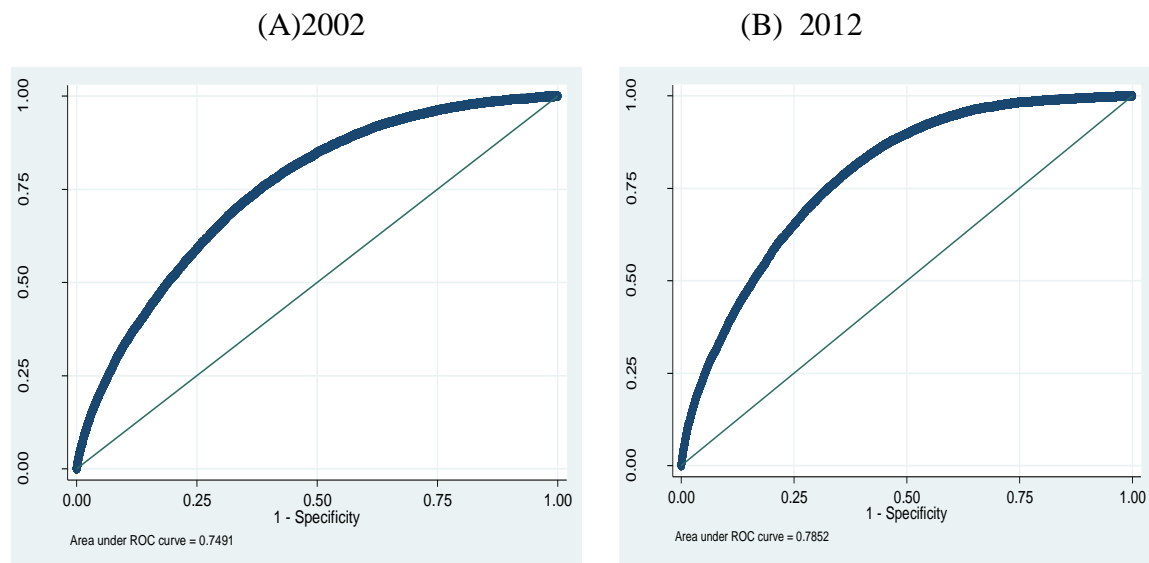
Tabela 2-Nordeste: Ajuste do modelo

	2002	2012
McKelvey e Zavoina	0,306	0,415
McFadden	0,145	0,197
Classificações corretas	68,83%	71,35%

Fonte: Elaboração Própria com base na PNAD

Após a análise do grau de ajuste do modelo, analisa-se, na Figura 1, a curva de Característica de Operação do Receptor (ROC), que relaciona os indicadores de sensibilidade e de especificidade. Para Hosmer e Lemeshow (2000), o modelo com área sob a curva ROC igual ou superior a 0,70 é considerado como desempenho satisfatório em termos de discriminação de indivíduos de diferentes agrupamentos de respostas. Observou-se que, independente do ano, o modelo aferiu uma área sob a curva ROC superior a 0,70. Isto sinaliza, de maneira geral, que em termos de precisão preditiva, o modelo consegue discriminar de forma satisfatória as mulheres que trabalhavam ou não no período de referência da pesquisa.

Figura 1-Nordeste: Curva ROC



Fonte: Elaboração Própria

Após a análise da acurácia do modelo *logit*, verificou-se que os resultados dos efeitos marginais das estimações da participação feminina no mercado de trabalho nordestino (ver Tabela 3), nos quais observou-se que os parâmetros apresentam sinais e significância estatística condizentes com a literatura especializada.

No referente as características pessoais da mulher, verificou-se que o sinal da variável idade é significativo e positivo, enquanto que da idade² é negativo, tal resultado já era esperado, pois se espera captar uma relação em formato de U invertido entre os anos de vida e a participação no mercado de trabalho, corroborando com os achados de Scorzafave e Menezes-Filho (2001). Ainda referente as características do indivíduo, verificou-se que o fato de ser de cor branca só foi estatisticamente significativa para o primeiro ano analisado, apresentando sinal negativo, ressaltando desta forma que ser branca reduz a probabilidade de participação da mulher no emprego em aproximadamente 0,8 p.p. (pontos percentuais).

Ser chefe de família eleva a probabilidade da mulher trabalhar, aumentando a probabilidade em 8 p.p em 2002 e 6 p.p em 2012, ratificando o exposto por Oliveira e Leite (2017), ao ressaltar que o aumento da independência da mulher está atrelada a alguns fatores como: aumento de longevidade, crescimento nos registros de divórcio e aumento do número de famílias chefiadas por mulheres.

Com relação aos Anos de Estudo, destaca-se uma relação positiva na participação no mercado de trabalho, sendo mais impactante para o último período analisado, ou seja, para cada ano adicional de estudo elevam a probabilidade de trabalhar em 1,7 (p.p) em 2002,

enquanto que em 2012 representa 2,18 (p.p). O que já era esperado, pois acredita-se que quanto maior o investimento em capital humano, maior é a probabilidade de participação da mulher no mercado, reflexo do custo de oportunidade diferenciado que as mais qualificadas possuem.

Tabela 3-Nordeste: Determinantes da TPFT

	Efeitos Marginais	
	2002	2012
Idade	0.0431*** (0.000540)	0.0444*** (0.000591)
Idade ²	-0.000530*** (7.48e-06)	-0.000537*** (7.79e-06)
Branco	-0.00809* (0.00434)	-0.00276 (0.00450)
Anos de Estudo	0.0173*** (0.000501)	0.0218*** (0.000462)
Chefe	0.0827*** (0.00530)	0.0665*** (0.00474)
Bebê	-0.0475*** (0.00479)	-0.0718*** (0.00572)
Criança	-0.00301 (0.00212)	-0.0212*** (0.00270)
Adolescente	0.00794*** (0.00254)	-0.0108*** (0.00306)
Idoso	0.00196 (0.00408)	-0.0171*** (0.00391)
Piauí	0.0132 (0.0124)	0.0762*** (0.0112)
Ceará	0.0380*** (0.00990)	-0.00523 (0.00925)
Rio G. Norte	-0.0807*** (0.0118)	-0.0297*** (0.0114)

Paraíba	-0.00941 (0.0113)	-0.00798 (0.0109)
Pernambuco	0.00491 (0.00989)	-0.0642*** (0.00906)
Alagoas	-0.0326*** (0.0119)	-0.0633*** (0.0114)
Sergipe	0.00414 (0.0122)	-0.00132 (0.0109)
Bahia	0.0410*** (0.00927)	-0.0103 (0.00859)
Metro	-0.0858*** (0.00503)	0.00983* (0.00519)
Observações	51.852	46.855

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD. Nota: Erro padrão entre parênteses obtido pelo método Delta, significância *** $p < 0.01$, ** $p < 0.05$, * $p < 0.1$.

Outro condicionante da participação feminina no mercado de trabalho é a presença de dependentes no domicílio, logo com a maior quantidade de bebês, crianças, adolescentes e idosos no lar reduziu-se a participação da mulher na população economicamente ativa em 2012. O mesmo foi observado para o ano de 2002, exceto para a variável número de adolescentes que possui efeito positivo na inserção feminina no mercado de trabalho.

Em relação às *dummies* de localização geográfica em 2012, observou-se que as mulheres do Estado Piauí estão mais propensas a trabalhar em comparação as moradoras do estado de Maranhão, enquanto que em 2002 as mais propensas a trabalhar eram as moradoras do Estado da Bahia e do Ceará.

Ainda sobre as variáveis de localização geográfica, tem-se o resultado inesperado da variável correspondente à área metropolitana em 2002, possuindo efeito negativo (reduzindo a probabilidade de participação no trabalho), enquanto que para 2012 este efeito é positivo (elevando a probabilidade da mulher trabalhar); acredita-se que isso ocorre devido ao fato de que o processo de dinamismo e crescimento econômico das áreas metropolitanas nordestinas é algo recente.

5. CONCLUSÃO

As mulheres têm ocupando um espaço cada vez maior no mundo do trabalho, ocupando até cargos que antes eram estritamente reservados aos homens e obtendo salários elevados (reduzindo as desigualdades salariais existentes entre os gêneros). Dado este cenário, o presente trabalho buscou investigar os principais fatores que estão relacionados com a evolução da taxa de participação feminina no trabalho (TPFT) no Nordeste brasileiro, a partir de um modelo *logit*, utilizando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em dois pontos distintos, 2002 e 2012.

Esta pesquisa procurou evidenciar, nas escolhas das variáveis explicativas, um conjunto de características não somente do próprio indivíduo (como posição na família, idade, cor e educação), como também das suas famílias (como número de bebê, crianças, adolescentes e idoso no domicílio) e locais. Relata-se, de maneira geral, que as estimativas dos efeitos marginais obtiveram, em boa parte das variáveis observadas nos dois pontos do tempo, significância estatística e sinais esperados para determinar os condicionantes da TPFT no Nordeste.

Os resultados do modelo sugerem que as mulheres com um maior nível de educação formal, têm maior probabilidade de participarem da força de trabalho. Além disso, percebe-se ao longo do tempo a existência de um maior peso da variável educação sobre TPFT, tornando-se cada vez impactante ao longo dos anos, ressaltando a importância do capital humano para a inserção produtiva, influenciado principalmente pela evolução da escolarização dos brasileiros a partir do início do século XXI e também devido, principalmente, às exigências do mercado, que estão em busca de profissionais cada vez mais competentes e capacitados.

Enquanto que aquelas mulheres com maior número de dependentes no núcleo familiar, como bebê, crianças e idosos, tendem a reduzir a probabilidade de inserção no mercado de trabalho; acredita-se que isso ocorre devido ao fato de que apesar dos avanços econômicos e sociais existentes, ainda existem hierarquias sociais construídas com base nas relações de gênero, onde alguns papéis como afazeres domésticos e cuidados dos irmãos e dos avós ainda são atribuídas às mulheres.

Diante deste quadro apresentado, torna-se necessário rever a discussão aqui levantada, uma vez que ainda carece, certamente, de um amadurecimento empírico. Desta forma chama-se a atenção para a necessidade de outros estudos sobre a temática, em vista a subsidiar o norteamento sobre os possíveis efeitos da participação da mulher no mercado de trabalho e possíveis impactos sobre a economia brasileira como também nordestina.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.L.N.H. Participação feminina na força de trabalho brasileira: evolução e determinantes. In: Ana Amélia Camarano. (Org.). Novo Regime Demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento? 1ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2014, v. , p. 407-444, 2014.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: Trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos pagu* (17/18) 2001/02: pp.157-196, 2002.

CIRINO, J. F.; LIMA, J. E. . Determinantes da participação feminina no mercado de trabalho: uma comparação entre os sexos e os mercados das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte e Salvador. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 42, p. 165-182, 2011.

CRUZ, A. F.; BAÇO, F. M. B.; PAZ, D. Determinantes da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evidências utilizando modelo probit. – Curitiba 2013. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/conape/anais/ii_conape/Arquivos/ciencias_economicas/Artigo2_5.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

HOSMER, D.W.; LEMESHOW, S. *Applied logistic regression*, 2nd ed. John Wiley & Sons, New York, 2000.

LEONE, E. Participação das mulheres na atividade econômica em contextos de crescimento econômico e de recessão. In: XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2018, Poços de Caldas. *Anais do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 2018.

LEONE, E. Os impactos do crescimento econômico com inclusão social na participação das mulheres no mercado de trabalho. In: LEONE, E. T.; KREIN, J. D. TEIXEIRA, M. O. (Org.) *Mundo do trabalho das mulheres: ampliar direitos e promover a igualdade*. São Paulo: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres, Campinas, SP: Unicamp. IE. Cesit, jun. 2017.

LIMA, J. R. F. Efeitos da pluriatividade e rendas não agrícolas sobre a pobreza e a desigualdade rural na região nordeste. 2008. 157 f. (Tese de Doutorado em Economia Aplicada) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008.

LIMA, S. B. R.; BARBOSA, M. N.; ORELLANA, V. S. Q.; MENEZES, G. R.. A inserção feminina no mercado de trabalho: Uma abordagem regional. PESQUISA & DEBATE (SÃO PAULO. 1985. ONLINE), v. 28, p. 163-181, 2017.

MATTEI, T. F.; BAÇO, F. M. B. Análise das desigualdades salariais entre homens e mulheres no mercado de trabalho de Santa Catarina. DRd - Desenvolvimento Regional em debate, v. 7, p. 96-117, 2017.

MELO, M. R. B.; MONTE, P. A. Rendimentos e Desigualdade de Renda no Brasil: 2004-2012. Econômica (Niterói) , v. 16, p. 1-20, 2014.

MONTE, P. A.; GONÇALVES, M. F. A inserção ocupacional e os determinantes salariais das mulheres no mercado de trabalho. In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, Caxambu. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008.

MUNIZ, D. D; BACHA, F.B.; PINTO, J.M. Participação Feminina no Mercado de Trabalho. Revista Científica Eletrônica UNISEB, Ribeirão Preto, v.6, n.6, p.82-97, 2015.

OLIVEIRA, T. L. P.; LEITE, S. C. F. Gênero e Empreendedorismo: Mulheres Chefes de Família Empreendedoras Informais no Brasil. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2017, Florianópolis, 2017.

SCORZAFAVE, L. G.; MENEZES-FILHO, N. A. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evolução e determinantes. Rio de Janeiro, 2001.